

*GLOSAS*

# “NÃO SEI, MEUS VERSOS, QUE DIZEIS DE MIM”

**Luiz Fagundes Duarte\***

*Não sei, meus versos, que dizeis de mim – mas isso também não importa: nada mais sois, cada um de vós, do que versos bailando dentro em mim, fragmentos desamparados de uma linguagem de palavras longas e desnecessárias que é a matéria deste meu livro – meu pobre livro que as asas larga neste oceano sem fim, sombrio, eterno, e que assim há-de viajar até à Cidade – porém sem mim. Porque, como bem sabeis, eu sou somente o lugar onde se sente ou pensa; sou o lugar onde vós, meus versos – queixumes que sempre ando fazendo e com que a pena desafogo – aconteceis, onde adejais, de um modo violento e dúctil, teimosamente, as palavras ansiosas e obscuras com que vos dizeis, e a mim por meio de vós: alegres, raramente, livres, sempre, chorosas por vezes ... Chorosos sereis, sim, por vezes, meus versos – mas jamais desentoados, sem arte, sem beleza ou sem brandura...*

Ah, meus versos, que direi eu de vós, que vos não entendo? Vejo-vos e ouço-vos, e nada mais vejo que pilares vivos que me fitam com olhares familiares – e nada mais ouço, trazidas no vento, do que palavras confusas, murmuradas, símbolos talvez que eu não alcanço... Mas escuto-as, e ouço-as, e tonto de mim comigo falo: *Poeta! Triste Poeta! Não, foi certamente o vento da manhã nas araucárias, foi o vento... sossega, meu coração; às vezes o vento parece falar...*

Mas para que vos faço eu, oh meus versos? Disse um poeta, fingindo (que o poeta é um fingidor, sabei-lo bem por vós mesmos), que *fazer ou não fazer versos pode ser de pouca monta. Ao que eu pergunto, já não a vós, meus versos, mas a mim que vos faço: por que os fez ele, então? Por que vos faço eu? E outro, redimindo-se por tantos haver composto, ao aproximar-se a hora do barqueiro: compro o silêncio que se me deve por ter cumprido a palavra, trabalhado nas palavras, e por elas merecido a terra leve...* “Silêncio”, oh meus versos, é a palavra que perdura, é aquilo que se lê nos vossos interstícios, reticências sem

fim sugerindo um corpo. E vós, meus versos, sois o meu corpo, o meu *requiescat*, o meu grito abafado de quem nunca soube aquilo que vós – que permaneceréis – sabeis e não dizeis. *Miserere mei!* Poderá um poeta morrer descansado?

Mil versos tenha eu feito, oh meus versos, que ao menos por um de vós permaneça. E desse, morto eu, deixarei gravada em perene lápide para que me leiam os néscios, esses *subalimentados do sonho*: *Meu verso é minha consolação, meu verso é minha cachaça* – e àqueles que não saibam entender o por que eu o disse, e como o disse, acrescentarei: *Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou.*

– *Eu não disse ao senhor que não sou poeta?*

Não sei, meus versos, quem sois vós, nem cada um de vós: sois *uma onda que se alevantou? um átomo a mais que se animou?* Ou não sereis antes, oh vós que não sei nem quero saber o que agora dizeis de mim, que não sei nem quero saber o que um dia direis de mim, palavras teimosas de mim geradas, ecos repartidos de conversas trocadas em entrevistas sensacionais que eu, vosso factor, corregedor deste reino da estupidez em que nasci e me fiz poeta, mantenho no vento. Como aquela em que, certo dia, recriminiei Camões por citar como seus uns versos de outro: “*Mas isso não é seu!*”, avisei-o.

– “*Como não é meu?*”, respondeu-me.

Meus não serão muitos de vós, oh meus versos... E que me importa isso? Os versos, e a poesia neles, são filhos directos – e dilectos, circumspectos – daquele espírito que na génese do Mundo pairava sobre as águas do mar profundo coberto de escuridão que era então a Terra – e que disse tomando a voz de Deus:

– “*Fiat Lux!*” – e a luz se fez.

*Não sei, meus versos, que direis de mim. A luz que trazeis é um eco do rouah que antecedeu qualquer luz. Nem sei que diriam de mim, em seus versos, se comigo falassem neste silêncio para onde solitário parti, os meus*

companheiros de viagem – António Nobre, Cecília Meireles, Castro Alves, Ovídio, Ricardo Reis, Antero, Camões, Bocage, Baudelaire, Vinícius, Régio, Pessoa, Nemésio, Natália ou Drummond – que para aqui chamei, distinguindo-lhes as palavras, e lhes perguntei:

– Que me dizem de vós, meus amigos, os versos que me deixastes? E que vos dizem eles, agora infusos naqueles que vos deixo? Eu não sei, nunca o soube!

E, perante o silêncio deles, rematei:

– *Se o não souber, nunca o direis, pois não?*

Abril, 2019

---

\* Professor da Universidade Nova de Lisboa. Filólogo, publicou edições críticas de Eça de Queiroz (*A Capital!*; *Alves & C.*<sup>o</sup>), Antero de Quental (*Poesia Completa*, I-III), Fernando Pessoa (*Poemas de Ricardo Reis*; *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*) e Vitorino Nemésio (*Poesia Completa*), e ensaios de crítica textual (*Do Caos Redivivo*; *Os Palácios da Memória*).